

ECLOGA DESIDYLLICA (JANEIRO/2016)

- Amada minha, musa mui querida
dos versos que componho, por que tens
tamanho medo destes mattagaes
tão verdes e tão densos? A teus paes
ja tive que explicar, sem mais porenas,
que aqui não ha perigo que te aggrida!

- Amado meu, querido, sei que lido
com optimo rapaz, que ca não vens
commigo para ter-me, entre mil ais,
nas moitas, estuprada! Não sou mais
creança, nem papae, com nhenhens,
dirá si jamais devo ter sahido!

- Então por que, querida, tanto medo
do bosque tens tu? Temes que algum bicho
te ataque? Mas aqui não vive fera
alguma! Esta floresta apenas era
reserva ambiental, antes de lixo
jogarem, de entulharem o arvoredos!

- Querido, esse é o problema! Como pode
alguem fazer tal coisa? Tu não vês
que junctam baratinhas? Onde vão
baratas, as aranhas vão, e não
supporto insectos! Sonho toda vez
que sobre alguma aranha alguem fez ode!

- Entendo que uma aranha te incommoda,
querida, mas prometto-te que nada
permitto em ti doer! Apenas quero
que fiques relaxada! Sou sincero
si digo que uma aranha mal amada
não pode de outra aranha oppor-se à foda!

- Estás correcto: aranha cabelluda
nenhuma deixarei que a minha invada
e apenas teu porrete agora espero
que possa me acudir, sem lero-lero
nem versos decasyllabos! Cansada
estou de idyllios! Anda! Me desnuda!

Glauco Mattoso